

VERGÍLIO FERREIRA, *ESCREVER*: O TÍTULO INEVITÁVEL

« *C'est lorsque l'auteur est mort que le rapport au livre devient complet et en quelque sorte intact; l'auteur ne peut plus répondre, il reste à seulement lire son œuvre.* »

Paul Ricoeur, Du Texte à l'Action

“O autor já não pode responder”

Escrever – título do último livro de Vergílio Ferreira, publicado postumamente¹ – surge como um título inevitável, perfeito como título final, consagração simbólica da importância que assume na totalidade da obra vergiliana a vivência e a exegese do acto de escrever. Uma só palavra, isolada, nua: *Escrever*. Virtualmente capaz de preencher o desejo, expresso pelo escritor nessa mesma obra final, de que a sua última palavra pudesse ser o remate, o resumo de toda uma vida:

“Poupa as tuas palavras /.../ a última que disseres ou pensares deve resumir-te a vida toda. Vê se a escolhes bem para remate do que construíres.” (*Escrever*, p.33)

Escolheu bem. *Escrever* pode figurar como resumo de uma vida, como remate da construção de uma obra. Mas não pela razão banal de se tratar de uma vida consagrada a escrever. No universo vergiliano, “escrever” é muito mais do que a presença implícita da actividade subjacente à produção de uma extensa obra. É

¹ Vergílio Ferreira, *Escrever*, Lisboa, Bertrand Editora, 2001 (Edição de Helder Godinho).

uma presença explícita e obsessiva: como tema, como vivência ficcionalmente encenada, como exercício heurístico, gesto indutor do pensamento e da criação pela palavra.

Analisei mais que uma vez, em estudos anteriores², essa presença intensa e recorrente, na obra de Vergílio Ferreira, de uma exegese da escrita e do acto de escrever nas suas dimensões filosófica e vivencial/ficcional. E foi nesse contexto que, num artigo publicado em 1993, sugeri que o título *Escrever* seria uma alternativa possível ao título do livro *Pensar*, na altura recentemente publicado: “Em *Pensar* – que poderia também chamar-se *Escrever* – Vergílio Ferreira explicita e analisa essa concepção da escrita como acto de perseguir obsessivamente o *indizível*, a palavra inatingível que foge sempre à frente daquela que se conseguiu dizer”³. O facto de, dez anos passados, uma obra homóloga de *Pensar* ter como título *Escrever* reveste-se, para mim, de grande significado. Não pela satisfação epidérmica de ‘ter tido razão antes do tempo’, mas pela satisfação profunda de ver consagrado no destaque de um título – e título da última obra – o carácter absoluto do acto de escrever que Vergílio Ferreira tão intensamente realizou, isto é, tornou ficcionalmente real⁴.

No entanto, a fixação deste título – por escolha entre várias hipóteses presentes no manuscrito – constituiu o mais complexo dos problemas com que se deparou o editor da obra, Hélder Godinho: “O livro que agora se publica é um livro de pensamentos do tipo do *Pensar*, tal como o autor mostrou ao intitulá-lo, na primeira página do manuscrito, *Pensar II*. Mas o exame do manuscrito neste ponto dá logo ideia do tipo de problemas que o editor encontrará /.../. *Pensar II* foi escrito e sublinhado a tinta preta no alto e ao centro da página, logo seguido do texto /.../. Mas, em momento posterior, Vergílio Ferreira colocou um ponto de interrogação

² Cf. FONSECA, F. I., *Vergílio Ferreira: a celebração da Palavra*, Coimbra, Livraria Almedina, 1992 e também: “Vergílio Ferreira, uma escrita que (se) pensa” in *Boletim da 63ª Feira do Livro*, Porto, 1993; “Subjectividade e intersubjectividade: a invocação/evocação do TU na escrita ficcional de Vergílio Ferreira” in *Actas do Colóquio Interdisciplinar “Vergílio Ferreira. Cinquenta anos de Vida Literária* (1993), Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1995.

³ FONSECA, F. I., “Vergílio Ferreira: uma escrita que (se) pensa”, cit., p.20.

⁴ Tratei este tema na comunicação “Espaço do indizível. Da escrita como vivência-limite na obra de Vergílio Ferreira”, apresentada na *Jornada de Homenagem a Vergílio Ferreira* que teve lugar na Universidade Católica de Viseu em 8 de Janeiro de 1996, para comemorar os 80 anos do escritor. A sua presença constante e interessada durante essa *Jornada* veio a ter profundo significado para todos os participantes, dado que faleceu um mês depois. A comunicação que aí apresentei foi, pois, o último texto que escrevi sobre a obra de Vergílio Ferreira que ele ainda ouviu, mas que não chegou a ler; a seu pedido, prometi enviar-lho, depois de pronto. Não houve tempo. E, por causa disso, nunca mais o publiquei, nem acabei.

entre parêntesis à frente desse título /.../; mais tarde, e com uma esferográfica vermelha, viria a riscar o título e a interrogação, substituindo-os por *Escrever*”⁵. Para além dos títulos *Pensar II* e *Escrever* aparecem também na pasta em que o escritor reuniu os manuscritos relativos a esta obra, mais três hipóteses de título: “/.../ a pasta contém também uma folha destinada a servir de maquete ao rosto. Tem o nome do autor em cima - Vergílio Ferreira – e, sensivelmente a meio, três hipóteses de título: *Poliedro*, em maiúsculas, e, abaixo, em linhas diferentes, *(Re)pensar* e *Miscelânea*, este a lápis e seguido de um ponto de interrogação igualmente a lápis.”⁶

A descrição, feita por H. Godinho com rigor e minúcia crítica, do processo subjacente à fixação do título *Escrever* faculta ao leitor a possibilidade de seguir a par e passo os indícios materiais que testemunham, nos manuscritos, as hesitações de Vergílio Ferreira entre essas cinco hipóteses de título: *Pensar II*, *Poliedro*, *(Re)pensar*, *Miscelânea*, *Escrever*. Uma experiência que não é nova para o leitor íntimo de Vergílio Ferreira, mormente para o frequentador da sua *Conta-Corrente*, que conhece bem a intensidade com que vivia a escolha dos títulos das suas obras. Uma escolha preparada desde cedo e com afínco, feita de várias tentativas e objecto de uma longa hesitação só resolvida, o mais das vezes, no último momento⁷.

No caso do seu último livro, esse momento da decisão final foi-lhe vedado pela morte. Mas o que nos deixou foi suficiente. Por ter deixado o indício forte de um risco a tinta vermelha sobre um dos títulos em hipótese e ao lado o título *Escrever* traçado com essa mesma tinta vermelha? Sem dúvida. Mas também porque nos deixou a sua obra e ela indicia de forma eloquente que a escolha final seria *Escrever*.

« L’auteur ne peut plus répondre, il reste à seulement lire son œuvre. »⁸. A reflexão de P. Ricoeur que escolhi como epígrafe deste artigo é programática em relação ao objectivo que me move: fazer ouvir o que a obra de Vergílio Ferreira nos diz em apoio da escolha do título *Escrever* para o seu último livro. O último. Definitivamente.

⁵ GODINHO, H. “Nota Editorial” in V.Ferreira, *Escrever*, cit., pp. 8-9

⁶ GODINHO, H., “Nota Editorial, cit., p. 9.

⁷ O único título que o autor sentiu, desde o primeiro momento, que seria definitivo, foi *Para Sempre*: “Vou agora ao novo romance. Como as encíclicas dos papas, terá por título as suas primeiras palavras. São elas *Para Sempre*. ” (*Conta-Corrente II*, p. 242); “Quando retomarei o romance? Pela primeira vez sonho um título que deve ficar. *Para Sempre*.” (*ibidem*, p. 261).

⁸ RICOEUR, P. *Du Texte à l’Action, Essais d’Herméneutique II*, Paris, Seuil, 1986, p. 139.

A razão da Obra

Ao justificar a sua opção pelo título *Escrever*, H. Godinho apoia-a em duas ordens de motivos que sintetiza em “duas razões”. A primeira, do foro manuscriptológico, é a razão dos documentos, a razão do crítico textual, que faz a seguinte filtragem interpretativa final dos dados documentais descritos ao longo da “Nota Editorial”: “Na folha 1 do manuscrito, vimos que *Pensar II* foi riscado a tinta vermelha e substituído por *Escrever*, com a mesma tinta vermelha. Ora, essa tinta difere da tinta vermelha da folha das quadras onde *Pensar II* aparece substituído posteriormente a preto por *Poliedro*, sendo verosímil que a intervenção a vermelho na folha 1 do ms., de traço diferente da das quadras, como vimos, lhe seja posterior. Com efeito, *Poliedro*, que aparece em todos os outros lugares não aparece aqui, o que deveria acontecer se a inserção de *Escrever* tivesse sido anterior à hipótese de *Poliedro*. É, por isso, possível que seja a hipótese mais recente.”⁹

Sem ser conclusiva – e o carácter conjectural está escrupulosamente marcado pelo editor na utilização dos termos “verosímil” e “possível” – a análise dos manuscritos aponta para a hipótese *Escrever* como sendo a mais recente.

Esta alta probabilidade é reforçada pela “segunda razão”, de ordem hermenêutica, que H. Godinho refere, algo timidamente, em três breves linhas: “Além disso, e esta é a segunda razão, é o título que melhor se enquadra no tipo de títulos vergilianos, tanto mais que a problemática de “escrever” é amplamente tratada nesta obra, complementando naturalmente o “pensar” – e o *Pensar*.”¹⁰

Apesar de enunciada tão sucintamente, estou em crer que a “razão da obra” foi determinante na escolha do título *Escrever*, por ter permitido ao editor a decisão, o salto sobre as dúvidas que a análise dos manuscritos não conseguira cabalmente resolver. Esta segunda razão sintetiza uma argumentação ligada à macroanálise da obra – não só desta obra a editar, mas sobretudo do conjunto de toda a obra editada do autor – que é importante considerar mais detalhadamente nos três vectores que convoca:

— a especificidade da titulação vergiliana implícita na afirmação: “é o título que melhor se enquadra no tipo de títulos vergilianos”;

— a complementaridade, marcada na obra de Vergílio Ferreira, entre “escrever” e “pensar” como processos heurísticos interdependentes e inseparáveis, a legitimar a complementaridade dos títulos *Pensar* e *Escrever* em dois livros temática e formalmente homólogos;

⁹ GODINHO, H. “Nota...”, cit., p. 13

¹⁰ GODINHO, H. “Nota...”, cit., p. 13

— a “problemática de escrever” insistentemente presente não apenas neste último livro de Vergílio Ferreira, mas na totalidade da sua obra ficcional, ensaística e diarística.

Proponho-me desenvolver os três aspectos focados, no intuito de dar a esta “segunda razão” o relevo que lhe é devido. Estou em melhor posição que H. Godinho para expandir uma argumentação que poderia parecer, num editor, atentatória da cientificidade e rigor da crítica textual. E daí, certamente, a sua contenção ao expô-la. Mas se o objectivo da edição crítica é “fixar o texto mais autorizado, isto é, mais próximo da vontade reconstituível do autor”¹¹, a capacidade de reconstituição dessa vontade pode ser coadjuvada pelo conhecimento do autor e da sua obra. O processo seguido por H. Godinho na fixação do título *Escrever* é um excelente exemplo dessa conjugação fecunda entre a competência técnica do crítico textual e a sua competência hermenêutica. O crítico textual tem que tomar decisões, tem que fazer opções, no limiar em que a reconstituição textual deixa dúvidas; e é nesses momentos que se revela decisivo, para quem trabalha sobre a obra inédita de um escritor, o conhecimento da sua obra editada. Desde que isso não afecte, evidentemente, o rigor empírico do percurso anterior de reconstituição textual, como alerta Ivo Castro, ao afirmar que prefere “uma lupa a um palpite” com o intuito de “acentuar o carácter separado (pelo menos separado durante um certo período) que deve ter a prática do crítico textual em relação às opiniões anteriores sobre o texto e em relação à sua própria expectativa.”¹². De qualquer modo, e mesmo com toda a precaução e voluntarismo metodológicos, essa separação de águas não é fácil, como aliás reconhece o mesmo crítico, ao perguntar: “Como é possível o crítico textual esquecer tudo o que sabia antecipadamente sobre o autor do texto que vai publicar?”¹³.

Não é possível. Nem talvez (ousou dizer) fosse desejável.

“O título. É a primeira coisa que se escreve e a última que se adopta.”¹⁴

Vergílio Ferreira tinha o culto dos títulos. E a arte, também. A maior parte dos títulos vergilianos valem por si mesmos, adquirem uma existência própria, independente das obras que encabeçam e identificam. Esta relativa autonomia em relação ao seu co-texto justifica que possam ser objecto de um estudo específico, na linha do curto mas muito denso artigo de M. Alzira Seixo sobre a poética do

¹¹ CASTRO, IVO, *Editar Pessoa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p.31

¹² CASTRO, IVO, *ob.cit.*, p.28.

¹³ CASTRO, IVO, *ob.cit.*, p.18

¹⁴ Vergílio Ferreira, *Rápida, a sombra*, Lisboa, Arcádia, 1974, p.272

título em Vergílio Ferreira¹⁵. Tomando como *corpus* apenas os títulos de romances, a autora aponta com argúcia algumas características desses títulos que, a meu ver, podem e devem ser tomadas como ponto de partida para um estudo da totalidade da titulação vergiliana. Creio que deverá alargar-se ao conjunto total dos títulos de Vergílio Ferreira a pertinente sugestão de M. Alzira Seixo de tomar o seu elenco “como uma série e, logo, como uma textualização susceptível de ser lida autonomamente.”¹⁶

Essa textualização, esse texto virtual, tem a sua concretização gráfica na página dos livros de Vergílio Ferreira em que são enumerados os títulos das obras publicadas: a secção “Obras do Autor”, paratexto integrado no conjunto que G. Genette designa como peritexto editorial¹⁷. O cuidado posto quer na organização quer na apresentação gráfica dessa página nos livros de Vergílio Ferreira é um índice da importância que o escritor atribuía aos títulos (aos seus títulos)¹⁸. Com efeito, a análise a que procedi¹⁹ desse elemento do peritexto editorial (quando existe) nas primeiras edições de todas as obras de Vergílio Ferreira, confirma que o autor teve, desde o início²⁰, uma intervenção activa na sua organização e que, portanto, não pode ser considerado um paratexto da responsabilidade das editoras, como sugere a designação de

¹⁵ SEIXO, Maria Alzira, “Poética do título em Vergílio Ferreira” in FONSECA, F. I., org^a, *Actas do Colóquio Interdisciplinar “Vergílio Ferreira...”, cit.*, pp.479-483.

¹⁶ SEIXO, M. A., “Poética”... art.cit., p.480

¹⁷ Cf. GENETTE, G., *Seuils*, Paris, Éditions du Seuil, 1987, p.20: “J’appelle *péritexte* éditorial toute cette zone du *péritexte* qui se trouve sous la responsabilité directe et principale (mais non exclusive) de l’éditeur /.../. Le mot *zone* indique que le trait caractéristique de cet aspect du paratexte est essentiellement spatial et matériel ; il s’agit du peritexte le plus extérieur : la couverture, la page de titre et ses annexes.»

¹⁸ Vasco, o autor que idealizou o *Monumento a Vergílio Ferreira* erigido em Fontanelas (por iniciativa da Câmara Municipal de Sintra, em 2001), foi sensível quer à importância simbólica da sequência formada pelo elenco dos títulos, quer à qualidade estética do arranjo gráfico da página de “Obras do Autor” dos livros de Vergílio Ferreira, já que escolheu como um dos elementos principais do referido monumento a reprodução dessa página, gravada em pedra branca, na forma que tem no último livro do escritor (apenas foram omitidas as datas de publicação apostas a cada título).

¹⁹ No quadro de um estudo mais amplo (em preparação) sobre a titulação vergiliana em que incluirei também o inventário e a análise crítico-genética das variantes de títulos registadas em manuscritos do Espólio de Vergílio Ferreira (uma investigação feita no âmbito das actividades da Equipa Vergílio Ferreira, da Biblioteca Nacional, de que faço parte).

²⁰ A primeira vez que surge no peritexto editorial de um livro de Vergílio Ferreira a indicação das obras do autor é na 1ª edição de *Mudança* (Lisboa, Portugal, 1949); tem uma apresentação muito diferente da actual: com a designação “Do Autor” são indicados, sob um título global VÉSPERA e com numeração romana, cinco títulos de romances: (I),(II) e (III), já publicados (*O Caminho Fica Longe, Onde Tudo foi Morrendo e Vagão J*), um (IV) em branco, um (V), inédito, com o título *Sequência* e o (VI), *Mudança*. Como se pode avaliar, e isso vai manter-se em livros posteriores, este paratexto contém informações, que só o próprio escritor poderia dar.

Genette²¹. A evolução que vai sofrendo a apresentação do elenco de títulos não se resume ao acrescento das obras que vão sendo publicadas: inclui também a referência a obras inéditas, a obras “em preparação” e “no prelo” (por vezes com títulos que não virão a ser os definitivos²²), denotando claramente a responsabilidade do autor.

Na forma que a apresentação das “Obras do Autor” tem actualmente²³, os títulos estão agrupados em três subconjuntos, segundo um critério genológico – Ficção, Ensaio e Diário – e, dentro de cada um, por ordem cronológica. Este agrupamento dos títulos tem uma inequívoca marca da intervenção de Vergílio Ferreira que está patente, para além de outros aspectos²⁴, na ordem de apresentação dos três géneros, determinada pela hierarquia de importância que o escritor lhes atribuía no conjunto da sua produção literária: primeiro a ficção, a mais nobre, depois o ensaio e, por fim, o diário, cá no fundo, o que condiz (até literalmente) com a sua avaliação da escrita do diário como

“/.../ o rés do chão de mim como ‘escritor’, a minha rasa banalidade com uma caneta e uma folha.” (*Conta-Corrente I*, p. 204)²⁵

Deixando o desenvolvimento da análise da macroestrutura formada pela totalidade dos títulos para um outro estudo, em preparação²⁶, vou cingir-me aqui apenas ao subconjunto constituído pelos títulos da secção *Diário*, no sentido de avaliar a inserção nele do título *Escrever*:

²¹ Na descrição e caracterização do peritexto editorial (ao longo de cerca de vinte páginas) Genette refere apenas, em meia linha, que faz parte dele “la liste des oeuvres du même auteur” (*ob. cit.*, p. 34), sem se deter na sua análise, ao contrário do que faz em relação a outros elementos do peritexto editorial.

²² Um exemplo: na 1ª edição de *Do mundo Original* (Coimbra, Vértice, 1957), a secção “Do Autor” inclui um romance (no prelo) com o título *Corpo da Alegria* (virá a ser *Cântico Final*).

²³ A disposição gráfica desta página só se estabiliza no formato actual – com a designação “Obras do Autor”, a mancha gráfica ao centro da página e a separação genológica dos títulos – a partir de 1979 (na 1ª edição de *Signo Sinal*).

²⁴ Por exemplo, e quanto ao critério genológico: se a organização do paratexto “Obras do Autor” fosse da responsabilidade da casa editora, a obra *Pensar* seria provavelmente incluída na secção de *Ensaio*; só figura na secção do *Diário* por decisão de Vergílio Ferreira, decisão implicitamente justificada na p. 17 de *Pensar*: “estes textos são uma espécie de diário do acaso de ir pensando”. Se passarmos à aplicação do critério de arrumação cronológica dos títulos pela data de publicação, só pode também ser atribuído a uma decisão do escritor o aparente “erro” na localização dos romances *Cântico Final* (1960) e *Apelo da Noite* (1963) antes de *Aparição* (1959), a denotar que a ordem cronológica seguida não é a da publicação mas a da escrita.

²⁵ *Conta-Corrente I*, Lisboa, Bertrand, 1980; o itálico é da minha responsabilidade.

²⁶ Já referido atrás, na nota 19.

DIÁRIO

CONTA- CORRENTE I (1980)

CONTA- CORRENTE II (1981)

CONTA- CORRENTE III(1983)

CONTA- CORRENTE IV (1986)

CONTA- CORRENTE V (1987)

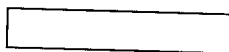
PENSAR (1992)

CONTA- CORRENTE – nova série I (1993)

CONTA- CORRENTE – nova série II (1993)

CONTA- CORRENTE – nova série IIII (1994)

CONTA- CORRENTE– nova série IV (1994)



O último livro, quase concluído (e com publicação prevista) à data da morte do autor, destinava-se a ocupar a “casa vazia” aqui indicada. Note-se, nesta disposição gráfica (que reproduz aqui exactamente a do paratexto “Obras do Autor”), a existência de dois blocos, separados por um pequeno espaço, em que a posição final é ocupada no primeiro bloco pelo título *Pensar* e no segundo pelo título do último livro. Está, pois, graficamente anunciada uma relação de intertitularidade que consagre a tripla afinidade – genética, temática e formal – que liga as duas obras.

Se tentarmos preencher a “casa vazia” com as hipóteses de título presentes nos manuscritos - *Pensar II*, *Escrever*, *(Re)pensar*, *Poliedro*, *Miscelânea* – só *Pensar II*, *(Re)pensar* e *Escrever* surgem como possibilidades capazes de preservar essa correlação de intertitularidade com o título *Pensar*. Nesta perspectiva, *Pensar II* teria a vantagem de uma maior simetria e estaria de acordo com a lógica da numeração em série já utilizada para outros conjuntos de obras (*Conta-Corrente e Espaço do Invisível*). Podem, além disso, ser aduzidos a favor desta hipótese argumentos atinentes ao conteúdo da obra e ao facto de constituir uma continuação de *Pensar*²⁷.

²⁷Cf. a argumentação de Rosa Maria GOULART a favor da hipótese *Pensar II*: “Apesar de, após algumas hesitações (de que Helder Godinho nos informa), ter optado por dar o título *Escrever* ao livro recentemente dado a público /.../, não teria sido descabido que o escritor tivesse dado seguimento a uma das propostas iniciais, intitulado-o *Pensar II*. Com efeito, não trata o mesmo especificamente do problema da escrita (Vergílio Ferreira havia-o feito mais intensamente noutros livros seus), mas afirma-se exactamente como uma continuação de *Pensar*, tanto na sua estrutura fragmentária como no carácter reflexivo e frequentemente aforístico das suas asserções.” (GOULART, R., “A escrita *imperfecta* de Vergílio Ferreira” in *Vária Escrita*, nº 9, Sintra, 2002, p. 31).

Mas o título *Pensar II* (como também o seu quase equivalente semântico, formalmente muito menos feliz, *(Re)pensar*) teriam, a meu ver, o grave inconveniente de destruir, neutralizando-o, o efeito mais conseguido do título *Pensar*: o de apresentar o processo reflexivo como um absoluto, sem limites temporais, acentuando a dinâmica do seu acontecer independentemente do seu início, do seu fim, do seu resultado, do seu produto²⁸. A numeração (*Pensar II*), pressupondo uma sequencialidade iterativa, uma interrupção e um recomeço, anula completamente esse efeito poderoso e ousado²⁹ do título *Pensar*, que consegue representar o pensamento na sua continuidade ininterrupta, no seu fluir e, ao mesmo tempo, como um todo, um absoluto.

Escrever não só preserva a manutenção desse efeito, como o intensifica. De novo nele se verifica o efeito de absolutização resultante da conjugação da totalidade substantiva que emana de um título – por ser nome (nome próprio de um livro) – com a incompletude, a abertura, a ausência de limites inerente à imperfetividade do infinito verbal.

A intertitularidade entre *Pensar* e *Escrever* pode parecer, à superfície, menos marcada do que a que existiria entre *Pensar* e *Pensar II*. Mas só à superfície, já que esta última é apenas uma relação extrínseca de repetição, de sequencialidade, enquanto que entre *Pensar* e *Escrever* a intertitularidade é diferencial e por isso mais forte, mais rica, a apontar para uma isotopia intrínseca à obra de Vergílio Ferreira. Um eco interno a materializar-se na correspondência entre os dois únicos títulos constituídos por verbos no infinito e a afixar, por esse meio, a fecunda dinâmica convergente dos processos “pensar” e “escrever” na obra vergiliana.

Voltemos ao subconjunto dos títulos de Diário, agora completo:

DIÁRIO

CONTA- CORRENTE I (1980)

CONTA- CORRENTE II (1981)

CONTA- CORRENTE III(1983)

CONTA- CORRENTE IV (1986)

CONTA- CORRENTE V (1987)

PENSAR (1992)

²⁸ O habitual em títulos de obras deste tipo é sublinhar não o processo mas o produto – Pensamentos, Escritos, na esteira do célebre *Pensées*, de Pascal. Só conheço um título (embora de uma obra de tipo diferente) em que é destacado o processo: *Écrire*, de Marguerite Duras (Paris, Gallimard, 1993).

²⁹ Eduardo LOURENÇO considera que “mesmo aos desatentos não pode escapar a audácia de um tal título.” (LOURENÇO, Eduardo, “Pensar Vergílio Ferreira” in FONSECA, F.I., *Actas do Colóquio Interdisciplinar “Vergílio Ferreira...”*, cit., p.353)

CONTA- CORRENTE – nova série I (1993)
CONTA- CORRENTE – nova série II (1993)
CONTA- CORRENTE – nova série III (1994)
CONTA- CORRENTE – nova série IV (1994)
ESCREVER (2001)

A distribuição idêntica de *Pensar e Escrever* na sintagmática do elenco de títulos desta secção constitui uma excelente metáfora gráfica (e até icónica) da afinidade entre as duas obras, desde a sua génese. Acolheram ambas o que “escorreu” da escrita excessiva de *Conta-Corrente*, interrompida duas vezes³⁰, de modo voluntarista, por Vergílio Ferreira. Sucodem ao diário, mas permanecem diário, apesar de serem eliminadas as datas, o circunstancialismo, o *fait divers*, numa tentativa de disciplinar a escrita compulsiva.

A seguir à primeira interrupção – isto é, no início de *Pensar* –, está patente o resultado dessa intenção, explicitada várias vezes por Vergílio Ferreira, de ficar só com o “pensar”, a vertente de reflexão, eliminando a tirania da escrita. Procura, paralelamente, garantir alguma impessoalidade, recusando o uso da primeira pessoa. Mas só o consegue até ao fragmento 23, em que surge, de repente, a primeira pessoa. E do verbo “escrever”:

“Escrever. Porque escrevo?” (*Pensar*, p.35)³¹

A interrogação, com o verbo na primeira pessoa, abre para uma resposta veemente em que repete sete vezes “escrevo para...”; antecedendo esta explosão incontida do protagonismo da escrita, está o verbo escrever, enunciado substantivamente, no infinito verbal, isolado, com um ponto final: “Escrever.” — um virtual título, a insinuar-se como alternativa a *Pensar*. A meu ver, o título *Escrever* nasce neste ponto do texto de *Pensar*³².

³⁰ Depois da publicação de cinco volumes, de 1980 a 1987 (correspondentes, em datas do diário, ao período compreendido entre Fevereiro de 1969 e Dezembro de 1985), Vergílio Ferreira suspendeu a escrita do diário durante três anos (de Dezembro de 1985 a Janeiro de 1989). *Pensar* foi escrito durante esse período e publicado em 1992 quando tinha já recommçado o diário de que foram publicados mais quatro volumes em 1993 e 1994 (correspondentes a quatro anos de diário, entre Janeiro de 1989 e Dezembro de 1992). No primeiro fragmento do livro *Escrever* é perceptível uma alusão a um evento recente - o Colóquio de Homenagem que teve lugar no Porto, no fim de Janeiro de 93 – o que permite datar o início da sua escrita cerca de um mês depois da suspensão definitiva da escrita de *Conta-Corrente*.

³¹ V. Ferreira, *Pensar*, Lisboa, Bertrand, 1992.

³² Uma outra aproximação: « Escrever » figurava já, em *Espaço do Invisível III* (1977) como título de um curto ensaio em que são tratados alguns aspectos do tema desenvolvido no texto introdutório de *Pensar*, “Do impensável”.

Se o título, segundo Hoek, “renvoie indirectement à un monde possible”³³, o mundo possível para que remetem os títulos *Pensar e Escrever* é o mesmo. O mundo da vivência compulsiva do exercício reflexivo que se origina e soluciona no exercício da escrita. Um mundo bem vergiliano em que, como anotei num artigo sobre *Invocação ao Meu Corpo*, “Escrever prevalece em relação a pensar, reflectir, sentir e, ao mesmo tempo, engloba-os num fazer, num agir que simultaneamente os origina, prolonga e soluciona.”³⁴.

Encontrei, recentemente, no Espólio de Vergílio Ferreira, no manuscrito de um diário - inédito – que escreveu, com várias interrupções, entre 1944 e 1949, uma formulação precoce deste papel da escrita como gesto indutor e clarificador do pensamento:

“Melo, 8 – Setembro –1945

Pela centésima vez começo um diário. Diabo! Não serei capaz de me obrigar a reflectir cinco minutos por dia? /.../ o diário escrito com fins de publicação é idiota e pedante. Mas eu não vou escrever para publicar. Quero apenas tornar claras as duas ideias que por dia me couberem, ou forçá-las a nascer se me não couberem. Só isto!”³⁵

Escrever para “tornar claras” as ideias ou “forçá-las a nascer”: escrever para pensar. É possivelmente esta a primeira das inúmeras vezes que, ao longo da sua obra, Vergílio explicita esta concepção da escrita como geradora do pensamento, como modo de vencer a indicibilidade, erigida em fronteira do pensável.

³³ HOEK, Leo H., *La Marque du Titre. Dispositifs sémiotiques d'une pratique textuelle*, Mouton, La Haye, Paris, New York, 1981, p.292.

³⁴ FONSECA, F.I., “Da subjectividade do corpo à subjectividade da linguagem. Uma leitura de *Invocação ao Meu Corpo*, de Vergílio Ferreira” in *Revista da Faculdade de Letras -Série de Filosofia*, nº 7, Porto, 1990, p. 279.

³⁵ Manuscrito E 31/ 218 do Espólio de Vergílio Ferreira, depositado na Biblioteca Nacional. No quadro do trabalho da equipa encarregada de dinamizar o estudo do Espólio, tenho a meu cargo preparar a edição crítica deste diário inédito de que aqui, pela primeira vez, é divulgado um excerto. Ou antes, é a segunda vez, porque o próprio Vergílio Ferreira transcreveu um trecho desse manuscrito em *Conta Corrente III*, na altura em que conta ter “descoberto” a sua existência: “Tem piada. Afinal a tineta de escrever um diário deu-me há muito mais tempo do que eu supunha. Ontem fomos a Fontanelas e tive que remexer em papéis velhos. E não é que vou dar com várias tentativas do diário desde 44? São trinta e tal folhas da minha letra já então somítica. Com comentários, reflexões puxadas à filosofia, versos e tudo.”. (*Conta-Corrente III*, p. 170). E, logo a seguir, transcreve, desse manuscrito, alguns versos (datados de 3/7/45) e um trecho de cerca de dez linhas (datado de 19/7/48).

Escrever, “verbo intransitivo”³⁶

Ficou patente, creio, a adequação de *Escrever* como título que fecha o conjunto dos diários com um denominador comum que os liga: a escrita sem outra intenção que não seja a de escrever pensando ou pensar escrevendo. Resta encarar a adequação da sua posição como fecho da totalidade dos títulos de Vergílio Ferreira. Retomo, pois, o que antecipei no início do artigo: a posição de destaque assumida por *Escrever* como título da última obra de Vergílio Ferreira constitui uma consagração simbólica da importância que nela assume a vivência e a exegese do acto de escrever nas suas dimensões filosófica e vivencial/ficcional.

São muitíssimos – e seria inoportuno referi-los (mesmo sem transcrever) – os passos da obra de Vergílio Ferreira em que é questionado, analisado e ficcionalmente encenado o acto de escrever³⁷, sob a forma de pergunta explícita: “O que é escrever?”; ou de resposta: “Escrever é..”; ou de auto-análise: “Escrevo para...”, “Porque escrevo?; ou simplesmente “Escrevo”, como abertura de um enquadramento ficcional.

A relação dialéctica entre “pensar” e “escrever” insere-se predominantemente, como vimos, no quadro da reflexão filosófica sobre as relações entre a linguagem e o pensamento. A análise do acto de escrever como um absoluto vivencial insere-se no quadro da criação ficcional e projecta uma vivência da escrita como actividade compulsiva, torrencial, excessiva, marcada por um carácter agónico.

Vivência real? Provavelmente. Mas a verdade biográfica é secundária, para não dizer indiferente: o que importa é a sua ficcionalização. A realidade só conta na medida em que adquire um estatuto ficcional que lhe confere existência (existência discursiva, existência literária). O que interessa, pois, é a consistência da criação ficcional, na obra vergiliana, de uma personagem que escreve de modo obsessivo e vive o acto de escrever como uma luta interna consigo mesmo – luta para escrever, luta para não escrever. Chama-se Vergílio, e é escritor. Escreve sobre muita coisa e também sobre a escrita, sobre a sua escrita; sobre o que é escrever e sobre o que é ao escrever³⁸.

³⁶ LOURENÇO, Eduardo, “Verbo intransitivo” in *Jornal das Letras* de 27 de Junho de 2001, p. 19; texto lido no lançamento do livro *Escrever*.

³⁷ Procedi a esse levantamento – feito manualmente e portanto com carácter não exaustivo – no âmbito da análise das concepções e representações da escrita na obra vergiliana de que há anos me venho ocupando (ver, atrás, nota 2).

³⁸ Ver FONSECA, F.I., “Conta-Corrente: a história de uma aventura romanesca” in *Anthropos, Revista de documentación científica de la cultura*, 101, Barcelona, 1989, pp. III-VII.

É a força da criação desta personagem que confere carácter ficcional ao diário, *Conta-Corrente*³⁹. Mas já estava presente na obra de Vergílio Ferreira antes de *Conta-Corrente*. Em *Carta ao Futuro*, por exemplo, em que o verbo escrever, na primeira pessoa, constitui o *incipit* do texto:

“Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos/.../ Escrevo pelo prazer de comunicar” (*Carta ao Futuro*, p. 9),⁴⁰

e sobretudo em *Invocação ao meu Corpo*, em que “escrevo” abre e fecha o longo texto desse ensaio contaminado pela ficção que põe em cena um “herói” pensador que escreve torrencialmente, sem repouso⁴¹:

“Pela noite fechada de silêncio, escrevo.” (*Invocação ao meu Corpo*, p.11);⁴²

“Eu o reconheço no silêncio desta noite em que escrevo.” (*Invocação...*, p. 375)

E mesmo nos romances: em *Aparição*, essa personagem surge subrepticamente, produzindo um subtil efeito de “mise en abyme”⁴³, ao sobrepor-se ao narrador; o acto e o momento da escrita do romance emergem repetidamente (formando uma sucessão ordenada a desenhar o percurso de uma longa escrita nocturna) na superfície do texto do romance. E já aí é Vergílio (e não Alberto) quem afirma o que virá a repetir até à exaustão⁴⁴:

“Escrevo para ser...” (*Aparição*, p. 193).⁴⁵

Para ser. Para respirar. Para viver. Para sobreviver. A sua relação com a escrita é intensa, total. É uma relação de dependência - “necessidade vital” - que surge abundante e repetidamente caracterizada nas suas vertentes exaltante e

³⁹ *Conta-Corrente* recebeu um prémio como obra de ficção: o prémio D.Diniz, da Casa de Mateus, em 1982 (quando ainda só estavam publicados os dois primeiros volumes).

⁴⁰ V. FERREIRA, *Carta ao Futuro*, 4ª-ed., Lisboa, Bertrand (1ª-ed. 1958).

⁴¹ Ver FONSECA, F. I. “Da subjectividade do corpo à subjectividade da linguagem. Uma leitura de *Invocação ao Meu Corpo*”, cit., pp. 259-285.

⁴² V. FERREIRA, *Invocação ao Meu Corpo*, Lisboa, Portugalíia, 1969.

⁴³ Que analisei no sub-capítulo “*Aparição*: uma longa escrita nocturna” in FONSECA, F.I. *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1992, pp. 276-281.

⁴⁴ Algumas dezenas de anos (e muitas vezes) depois, repete textualmente em *Pensar* (p.36) “Escrevo para ser.”, como se o dissesse pela primeira vez.

⁴⁵ V. FERREIRA, *Aparição*, 3ª-ed., Lisboa, Portugalíia, 1960 (1ª-ed. 1959).

degradante: no pólo positivo, escrever é “fascínio”, “plenitude”, “deslumbramento”, “ascensão”, “oração”, “redenção”, “milagre”...; no pólo negativo, é “loucura”, “saturação”, “excesso”, “desvairamento”, “condenação”, “suplício”, “doença”, “hemorragia”, “febre”, “vício”, “bulimia”⁴⁶ ...

Esta forma total e violenta de viver a escrita continua presente no último livro, *Escrever*. Mas adquire uma tonalidade nova, mais intensa e simultaneamente mais pacificada, ao ser envolvida pela consciência da proximidade da morte.

Logo na primeira página (fragmento 2), surge explicitamente reconhecida a existência desse *alter ego* “que escreve”:

“Escrever é ter a companhia do outro de nós que escreve. Portanto não te comovas muito, mesmo que ele se queixe. Porque abaixo dessa lamentação está o vazio infinito da infinita desistência ou desinteresse onde a palavra já não chega. Quando o que escreve aí desce, a morte tem a sua possibilidade. Porque deixa de ter significação.” (*Escrever*, p. 17)

De notar que esse duplo de si próprio é referido, na terceira pessoa – “ele”, “o que escreve” –, por um “eu” que se dirige a um “tu” (“não te comovas muito, mesmo que ele se queixe”). Estamos aqui perante algo mais complexo do que o desdobramento do ‘eu’ em ‘tu’, característico do monólogo dialogado que encontramos ao longo de todo o livro. Este “ele”, “o que escreve” adquire, como terceira pessoa, um estatuto de existência separada da situação de interlocução: existe, existia já antes, como uma projecção criada na e pela escrita e torna-se agora palpável como última companhia, no último patamar da possibilidade de iludir (ou adiar) o vazio infinito (da morte real ou da desistência).

O acto de escrever é, nesta obra, assumido como um solilóquio, sem destinatário externo⁴⁷; escrever é “falar para dentro”, uma forma de “falar só” sem as conotações que tem o fazê-lo oralmente:

“Fala para dentro. E poderás circular entre os homens sem que te metam num manicómio” (*Escrever*, p. 18)

A vivência da escrita é agora sobrevivência. O tema da velhice (do fim) absorve todos os outros temas, que adquirem uma aura de distância, afastamento,

⁴⁶ Todos estes termos são usados por Vergílio Ferreira, com repetições, em vários passos das suas obras, nomeadamente nos Diários: *Conta-Corrente*, *Pensar e Escrever*.

⁴⁷ Trata-se, claro, de uma encenação ficcional, porque o autor tem intenção de publicar o livro.

pacificação. A motivação é apenas escrever: manter o gesto, o gosto, a necessidade vital de escrever, como condição de sobrevivência. A preocupação com o conteúdo, com o pensar, passa claramente para segundo plano:

“Escrever o quê? Pensar o quê? (*Escrever* p.48)

“Escrever sobre quê?” (*Escrever* p.163)

O leitor que tenha a expectativa de encontrar um teor ensaístico neste livro, como em *Pensar*, fica algo decepcionado. Porque não encontra o mesmo vigor reflexivo, o propósito expresso de escrever para pensar. Só escrever, autotelicamente. Escrever para escrever. E a escrita como modo de *ser* vai-se tornando um modo de *estar*, de (*ainda*) *estar*⁴⁸.

“/.../ uma meditação sobre nada, o prazer do abandono a uma oculta pacificação. O estar-se bem só por estar.” (*Escrever*, p. 217)

Sobreviver: manter acesa a chama da escrita que o receio de a ver extinguir-se antes do fim faz parecer mais ténue (“pequena luz”):

“Não deixes que te abandone o milagre de escrever. Não deixes que a miséria do teu corpo escureça com a sua sombra a pequena luz da tua escrita.” (*Escrever*, p.195)

A luz brilhou até ao fim: por isso o livro foi póstumo. E, também por isso, a escolha final do título ficou por fazer:

Pensar II, Escrever, (Re)pensar, Poliedro, Miscelânea? O autor já não podia responder. Restava interrogar a obra. A obra respondeu com veemência:

“Escrever, escrever, **ESCREVER!**”

(*Conta-Corrente, nova série, I*, p. 96)

ESCREVER. Essa palavra, escrita a tinta vermelha no manuscrito e criteriosamente escolhida por Helder Godinho para figurar, também a vermelho, na capa deste livro póstumo, foi (é) a última palavra que nos disse (diz) Vergílio Ferreira.

⁴⁸ Já em *Para Sempre* é referida a condição da velhice como passagem de *ser* a *estar*: “Sê homem até onde for necessário estares”, (*Para Sempre*, Lisboa, Bertrand, 1983, p. 246).

Palavra-gesto, palavra-acto que, como soube/imaginou há mais de trinta anos, ficará a ecoar no silêncio de uma noite perene:

“Escrevo sempre, obstinado e recolhido, remetido à febre da interrogação-limite. Escrevo ao longo destas noites reais, ao longo de uma noite perene, sobre os dias fortuitos e intervalares antes do grande dia que imagino e não sei ou que sei e não imagino.” (*Invocação ao meu Corpo*, p. 39)

“A palavra final./.../ A última, a primeira.” (*Para Sempre*, p.16)
A última. Definitivamente.

Fernanda Irene Fonseca